

# Uma visita ao Monte de S. Miguel-o-Anjo

· POR

J. A. PIRES DE LIMA

---

O Monte de S. Miguel-o-Anjo (1) é um formoso outeiro que se ergue a 3 quilómetros ao Norte do Rio Ave, a 6 quilómetros de Santo Tirso, a 11 quilómetros de Vila Nova de Famalicão e a 18 quilómetros de Guimarães, numa região fértil em achados arqueológicos, relativos quer à época romana, quer à época celtibérica imediatamente anterior.

Pertence, na sua maior extensão, aquele monte, à freguesia de Dêlães, que faz hoje parte do concelho de Famalicão. Dêlães toma a parte Sudeste do monte, que pertence pelo Noroeste à freguesia de Ruivães, e por Sudoeste a S. Simão de Novais.

De Dêlães e de S. Miguel-o-Anjo, dizia o P. Carvalho (2) no princípio do século XVIII:

«S. Salvador de Delaens, Abbadia da Mitra, rende cento & cincoenta mil reis, tem cincoenta vizinhos. Esteve esta Igreja no alto de S. Miguel do Monte, & he tradiçãõ que nos tempos passados fora Cidade (ao menos devia ter fortificaçãõ, pelo que mos-

---

(1) Não confundir com o Castelo de S. Miguel-o-Anjo, situado no concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez, e que foi estudado por Alves Pereira («Arqueólogo Português», 1, 1895).

Na estrada do Pôrto para Santo Tirso, pouco além de Ermezinde, há outro monte com a mesma designação.

(2) «Corografia Portuguesa» do P. António Carvalho da Costa, 1, Lisboa, M.DCC.VI.

traõ os vestigios) & que fora Mosteiro de Freyras. Aqui he o Solar dos Novaes de Portugal...».

Martins Sarmiento <sup>(1)</sup> refere-se do seguinte modo a S. Miguel-o-Anjo e à sua estação arqueológica: «O Monte de S. Miguel é um outeiro isolado, onde são ainda hoje muito visíveis os vestigios duma povoação do tipo da Citânia, mas de muito menores dimensões. Seguem-se ainda muito distintamente as linhas das muralhas; notam-se aqui e ali alguns restos de construções; a telha de rebôrd e fragmentos de vazilhas aparecem freqüentemente, tanto dentro como fora do recinto dos muros, porque a povoação para o lado de sudeste alargou-se além da circunvalação».

Informa o illustre arqueólogo que se encontraram ali mós de moínhos, objectos de bronze, moedas, etc., mas que tudo desapareceu <sup>(2)</sup>.

A única tradição colhida ali por Martins Sarmiento é que aquilo foi *coisa de moiros*. Ainda lá subsiste hoje vagamente a mesma tradição. E outra colhi eu também. Uma das aldeias de Dêlães mais próximas do Monte chama-se *Penavila*. Dizem as pessoas letradas do lugar que *Penavila* é corrupção de *Pé-de-Vila*, pois que tal aldeia está junto de uma antiga vila.

«O que não tem dúvida nenhuma, diz Sarmiento, é que o deus Brico foi ali adorado, como é hoje S. Miguel, cuja capela se levanta no tope do monte». O anjo guerreiro era, com efeito, muito venerado pelo povo daqueles sitios, mas, últimamente, a capela tem sido vandálicamente devastada e arruinada.

<sup>(1)</sup> Martins Sarmiento, *Para o Pantheon Lusitano* («Revista Lusitana», I, Pôrto, 1887-1888).

<sup>(2)</sup> Fui informado que, por volta de 1860, Francisco Vicente, da casa do Arieiro, freguesia de Ruivães, mandou proceder a umas escavações no Monte de S. Miguel-o-Anjo, collhendo alguns objectos, cujo destino ignoro. Aquele obscuro investigador era, pelo povo da terra, alcunhado de *maluco*, por gastar dinheiro em cavagens improdúvas.

Quem era o deus Brico? Sarmiento publica uma inscrição, até êsse momento inédita, em que um certo Flaus, natural de Valabrica, cumpre um voto feito àquele deus.

A ara votiva foi descoberta pelo dr. José da Cunha Sampaio, em 1884.

Diz o abade Oliveira Guimarães <sup>(1)</sup> que êste monumento epigráfico existia na parede da casa do lugar de Perrelos, pertencente a Manuel António Dias, que em 1884 o ofereceu à Sociedade Martins Sarmiento. Perrelos é da freguesia de Dêlães e está situada no sopé do Monte de S. Miguel (Leste).

O sr. dr. Leite de Vasconcelos <sup>(2)</sup> refere-se largamente ao deus Brico e ao rude cipo de granito onde está gravada a inscrição de Flaus.

Quem trepar a encosta Sul do Monte de S. Miguel encontra, disseminados pelas bouças, abundantíssimos fragmentos de *tegulae*, semelhantes aos que aparecem nos outros castros da Callaacia, como o do Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo), o de S. Julião (Caldelas) <sup>(3)</sup>, etc.

Os fragmentos maiores de telhas de rebôrd que ali colhi foram fotografados, bem como dois fragmentos de um grande vaso e parte de uma asa. Tanto na grosseira argamassa das *tegulae*, como, principalmente, na dos cacos de vasos, entram em profusão pequenas lâminas de mica.

Os bordos livres dos fragmentos de vasos são inclinados e medem 23 milímetros de largura. O fragmento de asa mede 17 milímetros de diâmetro.

<sup>(1)</sup> Oliveira Guimarães, *Catálogo do Museu Arqueológico* («Revista de Guimarães», XVIII, 1901).

<sup>(2)</sup> Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905.

<sup>(3)</sup> Joaquim Fontes, *La station de «S. Julião» aux environs de Caldellas* («Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», VII, 1916).

\*  
\*   \*  
\*

Quem subisse, há vinte anos, ao cimo do Monte de S. Miguel, tinha de atravessar espessos pinheirais que o forravam completamente a tôda a volta. No alto alvejava a capelinha dedicada àquele santo. Das traseiras da casa de S. Miguel de Seide tinha o grande Camilo diante dos olhos aquele gracioso outeiro, que lhe ficava a três quilómetros de distância.

São amplíssimas as vistas que se disfrutam lá do alto, desde a Penha até o mar. Pouco além da encosta Leste vê-se a grande região industrial de Riba d'Ave; mais longe, Guimarães; para o Sul, Monte-Córdova e Santo Tirso; em tôdas as direcções, numerosas aldeias que vieram substituir os castros e as citânias prè-romanas que povoavam os montes da bacia do Avus.

Outrora esta região era habitada por aldeões pacíficos e probos que se dedicavam quási inteiramente aos misteres agrícolas, e ainda um pouco às indústrias caseiras.

Desde o último quartel do século passado, porém, junto das margens do Ave e do Vizela começaram a levantar-se numerosas fábricas de tecelagem, para cujo labor foi atraída uma grande parte dos habitantes destas aldeias e ainda alguns de terras mais longínquas. O novo regímen de trabalho e a população adventícia trouxeram mudança de hábitos, que provocaram, naturalmente, a mudança do carácter dêste povo, que vivia outrora uma vida simples e rude, mas cheia de virtudes. Hoje em dia, porém, a gente que trabalha nas fábricas tem costumes pouco austeros e perdeu, em regra, a noção do direito de propriedade.

Os pinheirais foram, pouco a pouco, furtivamente destruídos, de modo que o Monte está hoje completamente glabro.

Não tendo mais lenha que colhêr, os fabricantes foram-se à capela de S. Miguel-o-Anjo, levaram-lhe as portas e janelas, leva-

ram as traves, e não esqueceram as telhas, que também foram aproveitadas para qualquer habitação particular. Depois, começou o rapazio a demolir as próprias paredes do velho templo.

No verão passado, encontrei já em grande parte desmoronadas essas paredes. No interior do antigo templozinho via-se um montão de pedras. No meio delas encontrei uma com curiosas gravuras insculpidas, e é êsse exemplar o principal objecto desta comunicação. Está representado na estampa junta, que é cópia de uma fotografia do dr. A. Lima Carneiro.

Trata-se de um paralelepípedo irregular de granito muito duro e de grãos muito finos, uns amarelados, outros negros e outros, muito brilhantes, de mica. Esta pedra é de estrutura muito diferente da das pedras de construção da capela, dos numerosos pedregalhos dispersos pelo monte e das pedras das paredes divisórias das bouças. Em geral essas pedras são de granito de grãos muito grossos

Pesa essa pedra 32 quilos e tem de comprimento 60 centímetros, de largura máxima 15 centímetros e de largura mínima 12 centímetros. O comprimento da parte gravada é de 33 centímetros.

Apresenta gravados uns desenhos ornamentais cujos motivos são duplos S S e 8 8 de conta. Tôdas as quatro faces são gravadas; mas só de dois lados é que os desenhos são bem nítidos. São os que se vêem representados na figura. Nas outras duas faces, que se apresentam polidas, talvez em virtude da acção do tempo durante séculos, vêem-se desenhos análogos, bastante apagados, à mesma altura. Nota-se que tais desenhos se deviam prolongar para cima, na mesma pedra, talvez quebrada, ou em outra. A parte inferior da pedra é mais irregular do que a parte gravada e era destinada talvez a ser enterrada no solo.

Qual seria a origem e o uso dêste objecto? Estou convencido que êle estava últimamente incluído na parte superior da parede

Norte da capela-mór do pequeno templo. Os rapazes que vão olhar o gado para as bouças do cimo do Monte, entretendo-se a demolir a veneranda ermida, derrubariam também aquela pedra, que, ao cair sobre outras, quebrou uma das suas arestas, que mostra vestígios de fractura recente.

Parece-me que a gravura é muito anterior à construção da capela, que era de arquitectura extremamente simples, sem o menor ornato rupestre.

A meu ver, os construtores do templo, encontrando no local aquela pedra gravada, incluíram-na na parede, como tantas vezes sucede.

Como vimos, a ara votiva ao deus Brico foi encontrada a poucas centenas de metros dali, na parede duma casa do lugar de Perrelos. Na parede da torre de Ronfe, a poucos quilómetros de distância, estava incluída uma inscrição votiva ao deus Durbédico (1). Na igreja de Santo Tirso encontra-se embutida numa das paredes a tão citada inscrição a Turiaco. Podia multiplicar os exemplos, para mostrar que é vulgar aproveitar, nas construções de edifícios, pedras com valor arqueológico.

Donde proviria, pois, esta pedra insculpida? Como disse, a capela de S. Miguel-o-Anjo era modestíssima e não é provável que aquela lápide fôsse expressamente gravada para entrar como material de construção no minúsculo e singelo templo. Haveria no mesmo local outra capela anterior a esta? É verdade que S. Miguel do Monte foi outrora séde de uma freguesia. Mas provavelmente os seus moradores não habitariam no monte, onde o terreno é muito árido e certamente nunca foi cultivado. As aldeias da antiga freguesia de S. Miguel do Monte, que depois foi anexa a Dêlães, deviam ser Perrelos, Penavila e outras mais próximas do sopé do outeiro.

(1) Martins Sarmiento, *loc. cit.*

Muito menos me parece que fôsse possível haver ali um convento de freiras, como diz rezar antigamente a tradição o P. Carvalho. Os mosteiros da região (Oliveira, Landim, Santo Tirso) eram sempre erigidos em lugares fertilíssimos, que contrastam com a aridez de S. Miguel-o-Anjo.

Já em outra ocasião (1) me referi à constituição granítica dos terrenos destes lugares, à abundância de rochedos, abundância tão considerável que influiu na elaboração do onomástico local. No meu citado trabalho refiro-me aos seguintes lugares, todos mais ou menos próximos do Monte de S. Miguel: *Penas, Penedo, Penide, Pena-vila, Penu-cabrão*. Hoje, depois de ter consultado o Tombo da Freguesia de Dêlães (2), posso aumentar essa lista com os seguintes nomes: *Campo das Rochas, Talho das Penas, Bacelo das Penas, Monte de Penido, Campo da Lapa, Campo de Lágneas, Monte de Lágneas, Souto das Penas*. Muitas vezes o «Livro do Tombo» se refere à natureza pedregosa daqueles terrenos, como no seguinte passo, em que trata da Bouça de Fora do Casal de Perrelos: «de todas as partes e monte de São miguel do monte tem dentro em sy penedia, terra ruim muito fraqua de penedia».

Não é, portanto, provável que, depois da conquista romana, passando a dedicar-se à agricultura os habitantes desta terra, houvesse em S. Miguel do Monte quaisquer núcleos de população. Erigir-se-ia a igreja no alto do Monte e lá ficou a séde de uma freguesia, de que faziam parte os habitantes do sopé do outeiro, do lado de Dêlães.

(1) J. A. Pires de Lima, *Notas sobre a epidemia gripal* («Portugal Médico», 1918).

(2) Ao meu amigo sr. abade de Dêlães, rev. P. Sampaio, muito agradeço a fineza de me deixar consultar dois preciosos manuscritos: «Livro do Tombo das propriedades e limites da igreja de São Salvador de Dêlães e da sua anexa de São Miguel do Monte anexa in perpetuum... o qual Tombo se mandou fazer no ano de mil e quinhentos e noventa e dois»; Livro das Visitas à Freguesia de Dêlães, desde 1632 a 1685.

Pelo «Livro do Tombo» fiquei a saber que, no Casal de Baixo da Igreja de Dêlães, havia um campo chamado *Dantas*, designação que lembra a antiga existência de algum monumento megalítico.

O manuscrito que inscreve as determinações dos visitantes da igreja de Dêlães no século XVII é de veras curioso e dá-nos ideia do carácter rebelde da população da freguesia naqueles tempos.

A freguesia de S. Miguel do Monte estaria totalmente decadente em princípios daquele século, pois que, em 1635, o visitador ordenou que os fregueses mandassem levar a pia de baptismo da igreja de S. Miguel para a de Dêlães, visto ser melhor do que a desta igreja, que então estava situada no lugar de Dêlães de Baixo. Só no século XVIII é que foi construída a linda igreja actual.

Em 1637 o visitador mandou fazer diversas obras na ermida de S. Miguel-o-Anjo e, um ano depois, deixou a seguinte nota no livro: «Achei que os Freg.<sup>es</sup> desta Igreja erã̃m pouquo devotos . . . . Achei que os fregueses nam satisfiseram com os capitulos da vesitasam passada . . . . com huas portas na ermida de Sam Miguel oAmio, nê com retelhar adita Capella . . . .».

Os campónios do século XVII, pouco devotos, não se apresavam a retelhar a ermida de S. Miguel; os de hoje, bem mais irreverentes, levaram para casa as telhas que lhe restavam. E, não satisfeitos, ainda cantam melancòlicamente:

Tenho o meu peito à chuva,  
nã̃o acho retelhador;  
chovem, dentro como fora,  
lágrimas do meu amor (1).

Com o correr do tempo, não afrouxam os queixumes. Em 9 de Janeiro de 1640 o visitador Paulo de Mesquita insiste por que

(1) Fernando C. Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, 130.

se façam obras na ermida de S. Miguel, e a 18 de Dezembro do mesmo ano o abade Manuel Luís Espinel lia e publicava aos seus fregueses uma nova «visitação», em que se dava conta de umas queixas por não se terem feito aquelas obras.

Pelo que se vê, a revolução restauradora do 1.º de Dezembro não estimulou a diligência religiosa dos lavradores de Dêlães.

O visitador de 1641, Domingos Vilaça, foi mais enérgico. Como os fregueses não tivessem cumprido as visitasões anteriores, deixando ao abandôno a ermida de S. Miguel, condenou-os na multa de três cruzados. Pois nem assim os moradores de Dêlães se moveram: O mesmo rev. Vilaça, cónego prebendado na Santa Sé de Braga Primaz e visitador ordinário na comarca de Vermoim e Faria, notou, em 1642, que os paroquianos nem concertaram a capela nem pagaram a multa. . .

Tais foram as vicissitudes por que passou naqueles tempos a ermida de S. Miguel do Monte. Como quer que seja, eu vi-a pela primeira vez há 28 anos. Era uma capelinha humilde mas bem tratada, quer interior, quer exteriormente. A fúria demolidora é muito recente, e o rev. abade de Dêlães viu, nos últimos anos, desaparecer todos os seus materiais aproveitáveis. Acudiu a tempo às imagens e a outros símbolos sagrados, porque senão tudo iria talvez parar às lareiras semi-paganizadas do irreverente *Homo faber* do século XX.

Mas voltemos à nossa pedra insculpida. A minha opinião é que ela não pertenceria primitivamente a qualquer construção cristã. A forma dela, semelhante a um pedaço de esteio, poderia fazer pensar num marco divisório de propriedades. Mas quem se lembraria de enfeitar assim com ornatos uma pedra destinada àquele fim?

É trivial o motivo aproveitado pelo humilde artista que a gravou, motivo que se encontra nos mais variados estilos de tôdas as épocas.

Mas encontro grande semelhança entre os ornatos da pedra que descobri e outros que teem sido notados em monumentos prè-romanos.

São perfeitamente semelhantes aqueles ornatos aos que se vêem em pedras descobertas por Albano Belino <sup>(1)</sup> na Citânia de Monte Redondo, a 5 quilómetros de Braga, e por Alves Pereira <sup>(2)</sup> em Castro de Cendufe (Arcos-de-Val-de-Vez). As gravuras da minha pedra são comparáveis aos chamados *postes* que ornamentavam a vestidura dos guerreiros lusitanos. Nos próprios lavores da Pedra Formosa da Citânia de Sabroso encontro sugestões do mesmo motivo que ornamenta a pedra de S. Miguel-o-Anjo.

Diz-me o colega Luís de Pina que, no Museu da Sociedade Martins Sarmento, estão arquivadas diversas pedras insculpidas semelhantes à minha; e cita especialmente a que foi encontrada na Citânia a 26 de Julho de 1875 <sup>(3)</sup>.

Não sou arqueólogo e portanto venho apenas submeter o parecer de um estudioso à opinião dos competentes.

Não seria aquela pedra gravada por um dos rudes habitantes das montanhas da Ibéria, que se alimentavam de carne de cabra e de pão de bolota; que passavam a vida em constantes lutas e torneios, refugiando-se defensivamente nos castros, quando as suas terras eram invadidas; que resistiram durante dois séculos aos onnipotentes romanos, mais cultos mas não menos cruéis do que êles? <sup>(4)</sup>

(1) Albano Belino, *Cidades mortas* («Arqueólogo Português», XIV, pág. 24).

(2) Alves Pereira, *Novas figuras de guerreiros lusitanos, descobertas pelo dr. L. de Figueiredo Guerra* («Idem», XX, pág. 11).

(3) Martins Sarmento, *Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães* («Revista de Guimarães», 1903, pág. 67).

(4) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Pôrto, 1924; Schulten, *Viriato*, vert. do alemão por A. Ataíde.

